



DOI-10.5281/zenodo.17643452

A MEDIAÇÃO SOCIAL NO AUTISMO INFANTIL - UM OLHAR À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Larisse Moraes Rodrigues¹
Dyullia Moreira²

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é frequentemente abordado sob a perspectiva do modelo biomédico tradicional, que tende a enfatizar déficits e limitações individuais. Em contraste a essa visão, a Teoria Histórico-Cultural (THC) de Lev Vygotsky oferece uma concepção teórica significativa, ao defender que a formação do indivíduo não ocorre de maneira isolada, mas sim por meio da interação com o outro e com o meio. Assim, a THC ressalta a importância crucial da mediação social e das interações para o desenvolvimento das Funções Psicológicas Superiores. Essa perspectiva se mostra especialmente relevante no contexto do TEA, por valorizar o potencial de desenvolvimento de cada indivíduo, em vez de focar exclusivamente em suas limitações. O presente estudo, de caráter qualitativo e bibliográfico, utilizou a Revisão Integrativa de literatura, analisando produções publicadas entre 2014 e 2025. O objetivo central foi investigar de que forma as práticas mediadoras, à luz da THC, podem favorecer o desenvolvimento integral de crianças com TEA. Os achados da revisão indicam que estratégias planejadas, que incluem brincadeiras, atividades em grupo e o uso de recursos culturais, promovem avanços significativos na aprendizagem, na autonomia e na inserção social. Conclui-se que a mediação social constitui uma ferramenta essencial para superar as visões restritivas do autismo e, consequentemente, fortalecer a educação inclusiva.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista, Teoria Histórico-Cultural, Mediação.

INTRODUÇÃO

Decifrar o autismo a partir da concepção histórico-cultural implica deslocar o olhar do déficit para a possibilidade, da limitação para a oportunidade de desenvolvimento mediado e da biologia para a dimensão cultural.

Historicamente, o TEA tem sido compreendido sob uma perspectiva biomédica, centrada em classificações diagnósticas que priorizam as limitações e comprometimentos individuais. Desde a inclusão do autismo na CID-10, na

categoria dos Transtornos Invasivos do Desenvolvimento (OMS, 1993), até o DSM-5-TR (APA, 2023), prevaleceu uma abordagem clínica que orienta a identificação de dificuldades em interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritivos (AIRES, 2023). Embora fundamentais para o diagnóstico e a intervenção clínica, tais classificações tendem a restringir a compreensão do sujeito autista a um conjunto de sintomas, negligenciando os contextos sociais, culturais e históricos nos quais a criança está inserida.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário de Iporá, larissemoraes157098@gmail.com;

² Professor/ coordenador do Curso de Psicologia da Uniporá, psi.dyullia@gmail.com



Em contraposição a esse enfoque reducionista, emergem contribuições teóricas que buscam superar a visão patologizante do autismo, entre as quais se destaca a THC, desenvolvida por Lev Vygotsky. Essa perspectiva atribui papel central à mediação social, à linguagem e às interações no processo de constituição das funções psicológicas superiores. Assim, o desenvolvimento humano é compreendido como um processo dialético, constituído socialmente e mediado pela cultura (MARTINS; MOREIRA, 2021). Desse modo, a interpretação do autismo embasada na concepção histórico-cultural requer o reconhecimento de que o desenvolvimento se elabora através das trocas sociais e não somente por meio de fatores biológicos.

Diante da prevalência de abordagens pautadas na visão organicista sobre o autismo, torna-se necessário a superação desses referenciais, adotando uma perspectiva que valorize as potencialidades e compreenda as influências sócio-históricas. O presente estudo, portanto, tem como objetivo analisar criticamente o autismo infantil na perspectiva da THC, destacando práticas mediadoras como contribuintes no processo do desenvolvimento global da criança autista, de modo a ressignificar concepções tradicionais e oferecer subsídios para intervenções educativas, psicológicas e sociais que corroboram com o processo de formação da criança TEA. Para tal, tem como objetivos específicos: compreender os fundamentos teóricos da THC; discorrer sobre o TEA infantil, bem como sobre o desenvolvimento da criança atípica sob a perspectiva de Vygotsky.

Parte-se do pressuposto de que o desenvolvimento é culturalmente mediado

e estruturado por influências sociais. Assim, os contextos ambientais da criança, devem se apresentar como espaços de humanização em uma concepção que promova o direito à diferença.

METODOLOGIA

O presente estudo configura-se como uma pesquisa de natureza básica e abordagem qualitativa. A escolha pela abordagem qualitativa está pautada no destaque ao entendimento subjetivo e contextual dos processos humanos, buscando a compreensão profunda dos fenômenos, a valorização de significados, interpretações e percepções em detrimento da medição de variáveis. A pesquisa é de caráter exploratório, em detrimento da necessidade de maiores investigações e pouca veiculação da temática. Este método se apoia no levantamento teórico e identificação de relações para refinar a compreensão do tema, possibilitando o esclarecimento e formulação de novas perspectivas.

A pesquisa utiliza como procedimento metodológico, a revisão integrativa de literatura. Considerando que se trata de uma síntese crítica de conhecimentos prévios, que possibilita a identificação de convergências e divergências teóricas, essa abordagem contribui ao viabilizar a análise detalhada de produções científicas consolidadas, permitindo compreender a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, perante o desenvolvimento integral de crianças com TEA.

Conforme aponta Gil (2002), pesquisas de abordagem qualitativa são indicadas quando o objetivo é analisar e



compreender fenômenos complexos, de modo a considerar os significados e contextos em que se manifestam, aspecto que converge com a perspectiva de interação social adotada neste estudo.

O levantamento bibliográfico foi conduzido em bases de dados acadêmicas de livre acesso, como Google Acadêmico e SciELO (Scientific Electronic Library Online), selecionando artigos publicados entre 2014 e 2025. Os descritores utilizados, combinados de diferentes maneiras, incluíram termos como *autismo infantil*, *mediação social*, *inclusão escolar*, *Vygotsky*, *Teoria Histórico-Cultural* e *Transtorno do Espectro Autista*. Inicialmente, encontrou-se 50 artigos relacionados ao tema; após a leitura dos resumos e a aplicação de critérios de seleção, adequação ao recorte temático, atualidade das publicações e relevância teórica, 18 artigos foram incorporados ao corpus da pesquisa. Foram descartados da análise textos que apresentavam temáticas distantes do foco da pesquisa, sem conexão com a perspectiva histórico-cultural ou restritos a abordagens exclusivamente biomédicas.

A análise dos dados envolveu uma leitura crítica e interpretativa dos artigos selecionados, buscando encontrar convergências, divergências e contribuições significativas para a compreensão da mediação social no desenvolvimento de crianças com TEA. Esse procedimento possibilitou articular a produção científica recente aos princípios de Vygotsky, oferecendo uma análise consistente sobre mediação social e interação no espectro autista, garantindo rigor acadêmico e subsídios para futuras intervenções.

REFERENCIAL TEÓRICO

O diálogo acerca do desenvolvimento humano perpassa distintas áreas do conhecimento, de modo a evidenciar os meios de aprendizagem, transformação e constituição do indivíduo. Nesse sentido, Lev Vygotsky trouxe contribuições fundamentais ao demonstrar o modo de estruturação do ser através das relações sociais, interações culturais e contexto histórico, político, econômico e ambiental ao qual este está inserido (MELO *et al.*, 2023).

Inserido no contexto pós-Revolução Russa de 1917, Vygotsky dialogou com o materialismo histórico-dialético de Marx, assumindo uma visão do homem como um ente histórico e social em constante transformação. Nessa perspectiva, os aspectos biológicos, isoladamente, não explicam o desenvolvimento (MARTINS; MOREIRA, 2021).

Entre os conceitos mais conhecidos de Vygotsky, destaca-se a Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definida como a distância entre o nível de desenvolvimento real, aquilo que a criança realiza sozinha, e o nível de desenvolvimento potencial, aquilo que ela pode realizar com auxílio de adultos ou pares mais experientes. Essa noção amplia a compreensão do desenvolvimento, pois considera não apenas as funções já consolidadas, mas também aquelas em construção, que podem ser mobilizadas por meio de mediações pedagógicas intencionais (LIMA, 2019).

A THC concebe toda criança como capaz de aprender, inclusive aquelas com trajetórias atípicas, ressaltando que a



aprendizagem não é consequência do desenvolvimento, mas seu motor (MARTINS; MOREIRA, 2021). Nesse sentido, práticas pedagógicas planejadas, como o brincar, a interação com pares e o acesso a experiências culturais, assumem papel essencial na constituição das funções psicológicas superiores, promovendo a inclusão e o desenvolvimento integral (LOUREIRO, CARDOSO, CHIOTE, 2022).

Assim, Lemos, Nunes e Salomão (2020) destacam que o autismo é a condição de causas múltiplas que interfere desde cedo no desenvolvimento social, na comunicação e no comportamento, prejudicando o funcionamento global do indivíduo.

Para Vygostky, o desenvolvimento humano se dá por meio das interações sociais e da influência cultural, logo, a educação de uma criança com TEA deve ir além do suporte às suas habilidades, buscando principalmente a garantia de sua inclusão e a proporção de experiências culturais enriquecedoras que favoreçam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (AIRES, 2023).

Por conseguinte, apesar do CID e DSM oferecerem as diretrizes base para o diagnóstico e intervenção, analisá-los juntamente a abordagens pedagógicas e sociais é fundamental. É a partir dessa integração que se torna possível o embasamento prático inclusivo capaz de promover a participação ativa e plena de indivíduos TEA na vida social (AIRES, 2023; LOUREIRO, CARDOSO, CHIOTE, 2022).

Conforme Freitas e Silva (2025), a ótica histórico-cultural entende que a dimensão biológica do TEA constitui apenas o ponto inicial, não determina o

curso do desenvolvimento, que se constrói pela mediação social e cultural. Assim, as características biológicas do autismo não configuram, por si só, a deficiência, a qual é definida em grande medida pelas respostas sociais e educacionais do ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Destaca-se como resultado, a mediação intencional e qualificada por adultos (professores, familiares e/ou profissionais), como um mecanismo potencializador de comportamentos simbólicos, comunicativos e de participação. Conforme demonstra Silva (2017), crianças com o diagnóstico TEA necessitam de mediações adequadas para desenvolverem de maneira qualificada a imaginação e simbolização. Assim, é fundamental que o mediador planeje e organize o ambiente, utilizando de recursos e materiais, caso necessário, que estimulem a imaginação e o interesse da criança. Nesse sentido, a brincadeira não acontece apenas de forma espontânea, mas com intenção pedagógica, visando auxiliar a criança na aprendizagem e desenvolvimento mútuo,

Para tal, instrumentos mediadores materiais, são fundamentais na apropriação do conhecimento científico e para o desenvolvimento comunicativo. Entretanto, as pesquisas apontam de forma convergente que a inclusão de crianças com TEA vai além de sua mera inserção no espaço escolar, exigindo interações mediadas de maneira intencional e planejada.

Salientam-se ainda, limitações institucionais e formativas, bem como, a sobrecarga e invisibilidade dos cuidadores,



sobretudo mães, que impactam o processo de desenvolvimento proximal da criança. Além disso, os estudos em análise trouxeram evidências quanto às limitações metodológicas recorrentes, como uso de amostras reduzidas ou selecionadas intencionalmente, escassez de estudos com dados longitudinais e provável interferência da presença do pesquisador. Nota-se também, a pouca quantidade de pesquisas que estipulam a união dimensional integrada entre cognitivo, emocional e social. Observa-se ainda uma concentração de estudos realizados em ambientes com maior suporte institucional e acesso a redes de apoio, o que traz restrições quanto à possibilidade de aplicação dos resultados para realidades com menor infraestrutura. Ademais, são poucas as análises referentes a mediação no meio familiar, o que salienta limitações teóricas e lacunas práticas ainda presentes na literatura.

Observa-se uma expansão no campo de pesquisa em TEA na última década de modo a acompanhar a maior visibilidade temática. Ainda assim, muitos artigos retomam autores do século XX, o que caracteriza a necessidade de releituras contemporâneas de conceitos base, além disso, o TEA segue sendo predominantemente estudado a partir da percepção tradicional biomédica, a qual enfatiza déficits e se concentra na classificação dos indivíduos (AIRES, 2023).

Os dados indicam que essa concepção reducionista, limita a percepção atrelada às capacidades de aprendizagem e de interação social da criança. Em contrapartida, Santos, Oliveira e Junqueira (2014) destacam a necessidade de compreensão holística do ser, reconhecendo

o seu potencial de transformação e participação no meio social. Logo, os estudos ressaltam a urgência de superação da compreensão exclusivamente biomédica, ressaltando o caminho para uma perspectiva que ressalta a dimensão cultural, a mediação e as relações sociais, aspectos que possibilitam maior integração social e desenvolvimento do sujeito.

A THC, formulada por Vygotsky, destaca a importância das interações sociais e do meio no processo de desenvolvimento humano. Sob esse enfoque, na temática da educação infantil, a mediação pedagógica planejada e intencional torna-se um elemento fundamental para a promoção de aprendizagens significativas. Logo, a inserção de crianças com TEA em classes regulares assume relevância crucial, pois, por meio da atuação do professor e da convivência com os colegas, cria-se um espaço favorável ao desenvolvimento de aprendizagens culturalmente mediadas e socialmente significativas (LOUREIRO, CARDOSO, CHIOTE, 2022).

Em síntese, esses estudos indicam que a mediação, seja pedagógica, familiar ou tecnológica, é de grande importância para favorecer o desenvolvimento das funções psicológicas, o aprendizado e a inclusão de crianças com TEA, devendo ser planejada, individualizada e afetiva. Loureiro, Cardoso e Chiote (2022) enfatizam a escola regular como um ambiente central para a aprendizagem social e cultural, pois proporciona o contato com diferentes formas de ser, promovendo não apenas a inclusão de crianças com TEA, mas também o desenvolvimento de uma comunidade escolar mais atenta e receptiva à diversidade.



Além disso, o pesquisador ressalta a necessidade de novas investigações sobre formação de mediadores, utilização de tecnologias e práticas pedagógicas que potencializam o desenvolvimento integral desses alunos (AIRES, 2023).

Dessa forma, os resultados obtidos confirmam que práticas mediadoras intencionais e planejadas constituem estratégias eficazes para ressignificar dificuldades e transformá-las em oportunidades, favorecendo a construção de uma educação infantil inclusiva, em que crianças com TEA possam desenvolver plenamente suas capacidades cognitivas, emocionais e sociais, em alinhamento com os princípios da THC de Vygotsky. Desse modo, a mediação desloca-se para além de um simples recurso metodológico, sendo princípio estruturante do desenvolvimento humano e expressão do movimento dialético presente na aprendizagem de crianças com TEA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe contribuições ao evidenciar a THC como alternativa às abordagens reducionistas, o que reforça a possibilidade de superação da perspectiva biomédica frequentemente observada nas atuais intervenções com crianças TEA. Seguindo o embasamento teórico aplicado e desenvolvido por Vygotsky, o desenvolvimento da criança é um fenômeno social e histórico, sendo as relações estabelecidas entre os seres o catalisador do processo e a comunicação, a cultura e as experiências, as ferramentas utilizadas no processo, desse modo, concluem-se que o aprimoramento das habilidades humanas

representa uma dinâmica dialética e não apenas biológico.

Os resultados encontrados revelam o papel significativo da mediação como agente facilitador da aprendizagem, destacando as atividades programadas intencionalmente, a título de exemplo o brincar, as trocas em grupo e o uso de elementos culturais, como práticas que favorecem a elaboração das funções psicológicas superiores, estimulando o pensamento, as interações sociais e o reconhecimento das emoções.

Além disso, acentua-se que a mediação não é realizada apenas com psicólogo ou professor, família, colegas e recursos culturais também podem ser mediadores, contribuindo com o processo. Nota-se que tais elementos juntos, configuram uma rede de apoio que contribui com o desenvolvimento integral da criança. A THC, em última análise, estabelece-se como um pilar teórico indispensável para a redefinição das práticas pedagógicas, direcionando-as para uma abordagem mais humanizadora, inclusiva e transformadora. Nessa perspectiva, os desafios e obstáculos não são mais percebidos como meras limitações, mas sim como oportunidades para o aprendizado, o desenvolvimento integral e a participação efetiva dos indivíduos.

Nesse sentido, compreender como a mediação social, fundamentada nos princípios da THC, pode favorecer aprendizagens significativas, autonomia e participação efetiva de crianças com TEA em ambientes de socialização, constitui não apenas um desafio teórico, mas também uma demanda prática e ética.

Em suma, a abordagem histórico-cultural traz compreensões sobre a



aprendizagem como um processo social, dialético e mediado pela cultura, no qual a criança se forma e se transforma por meio de interações sociais e da apropriação dos signos historicamente produzidos. Essa perspectiva não apenas propicia fundamentos teóricos sólidos para interpretar o desenvolvimento humano, mas também orienta práticas pedagógicas que aprimoram a inclusão e o desenvolvimento integral de crianças com TEA, ao reconhecer o papel essencial da mediação nas relações educativas.

Diante dos resultados desta pesquisa, evidencia-se a importância de aprofundar o estudo das práticas interventivas fundamentadas na THC no contexto do autismo infantil. Este trabalho, portanto, constitui-se como um ponto de partida para futuras investigações que explorem de forma mais aplicada os princípios da mediação, da atividade e da formação social da mente no desenvolvimento de crianças com TEA. Afinal, se o desenvolvimento é social, existe limite para a transformação humana?

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e a Nossa Senhora Aparecida, cuja fé me deu força, consolo e direção para percorrer este caminho. Aos meus pais, Adivanilda e Didi, que sob sol me fizeram crescer e florescer à sombra; ao meu namorado, Luã, pelo amor e incentivo constantes; à minha orientadora, Dyullia, pelo cuidado e atenção dedicados a cada correção; e às minhas amigas, Miriã e Nathália, que tornaram mais leve o peso desta jornada. Por fim, agradeço a mim por ter permanecido.

REFERÊNCIAS

AIRES, Any Louize. A mediação na aprendizagem e desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista: uma leitura na perspectiva da Teoria Histórico-Cultural. 2023. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5-TR. 5. ed., texto revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

FREITAS, A. P. de; SILVA, D. N. H. A potência da narrativa no desenvolvimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. *Pro-Posições*, v. 36, p. e2025c0301BR, 2025.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LEMOS, E. L. de M. D.; NUNES, L. de L.; SALOMÃO, N. M. R. Transtorno do Espectro Autista e interações escolares: sala de aula e pátio. *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 26, n. 1, p. 69–84, jan. 2020.

LIMA, N. R. C. Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista : representações do professor. 2019 Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34313>> Acesso em: 30 set. 2025.

LOUREIRO, L. T. de V.; FERNANDA. O brincar da criança com autismo na educação infantil: contribuições da abordagem histórico-cultural. *Anais do Seminário Nacional de Educação Especial e do*



Seminário Capixaba de Educação Inclusiva,
v. 4, n. 4, [s.d.].

MARTINS, P.; MOREIRA, M. Autismo e educação: as contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. Cadernos de Psicologia, v. 3, n. 6, 2021.

MELO, S. C. D. et al. A bioecologia do autismo: uma análise dos relatos sobre as questões sociais que atravessam o desenvolvimento. Educação em Revista, v. 39, p. e39887, 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde – 10ª revisão (CID-10). São Paulo: EDUSP, 1993.

SANTOS, Anderson Oramisio;
OLIVEIRA, Guilherme Saramago;
JUNQUEIRA, Adriana Mariano Rodrigues.
RELAÇÕES ENTRE APRENDIZAGEM
E DESENVOLVIMENTO EM PIAGET E
VYGOTSKY: O CONSTRUTIVISMO EM
QUESTÃO. Itinerarius Reflectionis, Jataí-
GO., v. 10, n. 2, 2015. DOI:
10.5216/rir.v10i2.32621. Disponível em:
<https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/32621>. Acesso em: 4 nov. 2025.

SILVA, M. O brincar de faz de conta da criança com autismo : um estudo a partir da perspectiva histórico-cultural. Icts.unb.br, 9 mar. 2017.